



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

THALÍA VITÓRIA FERREIRA DA SILVA

**FAZENDA GENDIROBA: DO PROCESSO DE OCUPAÇÃO A CONQUISTA DA
TERRA**

GUARABIRA-PB

2022

THALÍA VITÓRIA FERREIRA DA SILVA

**FAZENDA GENDIROBA: DO PROCESSO DE OCUPAÇÃO A CONQUISTA DA
TERRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Coordenação do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de
Albuquerque Júnior

GUARABIRA-PB

2022

S586f Silva, Thalia Vitoria Ferreira da.

Fazenda Gendiroba [manuscrito]: da ocupação à conquista da terra/ Thalia Vitoria Ferreira da Silva. - 2022.
26 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Departamento de História - CH."

1. Fazenda. 2. Desapropriação. 3. Assentamento. 4. Ocupação. I. Título

21. ed. CDD 910

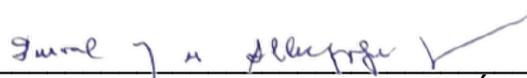
THALÍA VITÓRIA FERREIRA DA SILVA

FAZENDA GENDIROBA: DA OCUPAÇÃO A CONQUISTA DA TERRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em História.

Aprovado em: 09 / 11 / 2022 .

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. MANUELA AGUIAR DAMIÃO DE ARAÚJO
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)


Profa. Dra. DAYANE NASCIMENTO SOBREIRA
Instituto Federal da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por não me deixar desistir e não me abalar pelas dificuldades. A minha família e ao meu noivo que sempre me encorajaram e me deram força nessa grande jornada de quatro anos, e agradeço também aos meus amigos pelo apoio durante essas últimas semanas. E ao meu querido e carinhoso professor Durval, que mesmo com a correria e sua mudança me acolheu e se prontificou as questões e dificuldades durante o trabalho, que mesmo longe nunca me desamparou. E as pessoas que cederam seu tempo para me ajudar a contar essa história do lugar onde moramos.

A minha família e amigos, por acreditar na
pessoa que eu sou e por todo apoio do
mundo, DEDICO.

RESUMO

O artigo “Fazenda Gendiroba da ocupação à conquista da terra” conta a história sobre como o assentamento foi constituído desde a fazenda até o que ocorreu para a desapropriação da mesma, como foi o processo de ocupação e a questão do preconceito em relação aos assentados. O objetivo central do trabalho consiste em contar essa história por meio da memória dos acampados e a partir das diferentes perspectivas dos mesmos, de como foi a chegada, a convivência no acampamento e a conquista da terra e como está o Assentamentos Tiradentes atualmente. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas e bibliografia. Desse modo, passando adiante a contribuição desses companheiros para as gerações futuras e para a perpetuação da história da luta desses companheiros, pais e familiares.

Palavras-chave: Fazenda. Desapropriação. Assentamento. Ocupação.

ABSTRACT

Gendiroba Farm from the occupation to the conquest of the land, consists of telling the story about how the settlement was constituted from the farm to what happened for its expropriation, how was the occupation process and the issue of prejudice. The main objective of the work is to tell this story through the memory of those encamped and in different perspectives of the same, of how the arrival, the coexistence and the conquest of the land were and how the Tiradentes Settlements are today. The research was carried out through interviews and bibliography. In this way, passing on the contribution of these companions to future generations and for the perpetuation of the history of the struggle of these companions, parents and family members.

Keywords: Farm. Expropriation. settlement. Occupation.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
2.	DESENVOLVIMENTO.....	12
2.1	Como a fazenda se constituiu?.....	12
2.1.1	Sobre a desapropriação da fazenda.....	14
2.2	O processo de ocupação.....	16
2.2.1	O preconceito em relação aos acampados e ao MST.....	22
2.3	O Assentamento Tiradentes atualmente.....	23
3.	CONCLUSÃO.....	25
	REFERÊNCIAS	

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo contar a história da constituição do assentamento Tiradentes, mostrando como a fazenda Gendiroba foi se transformando e tomando a proporção de terra que tem atualmente. Pretendo contar essa história por meio das memórias daqueles que participaram ativamente desse fato histórico, mostrando como ocorreu a desapropriação da dessas terras. Discorrendo sobre o processo de ocupação das terras, a constituição do assentado após o processo de desapropriação e como se encontra o assentamento Tiradentes na atualidade. Esse artigo se apoiará tanto em materiais bibliográficos, quanto em entrevistas concedidas pelos assentados, como fonte principal.

Sendo assim, as memórias e testemunhos dos que participaram dos eventos será o principal material de estudo. Segundo Jacques Le Goff, o estudo da memória envolve diferentes campos, como “a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e quanto as perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria” (Meudlers, Brion e Lieury, 1971, Flores, 1972). O processo da memória no ser humano, leva ao conjunto de sistemas em que são organizados, catalogados e armazenados tais acontecimentos vividos, ou seja, os vestígios de um acontecimento, bom ou ruim, ficam armazenados nas memórias, podendo ser esquecidos e lembrados tal como aconteceu ou modificando o acontecido dependendo da emoção que remete às lembranças do ocorrido.

A memória está ligada também ao comportamento narrativo por isso estão fortemente ligadas as ciências humanas, sociais e culturais. Sendo assim, exerce também uma função social de comunicação, na busca de informações passadas de pessoas para pessoas e levadas para gerações futuras. Pode-se classificar a memória em: coletiva, ética e individual, além disso, segundo Leroi-Gourhan, a memória se divide em três tipos: a memória específica, a memória étnica e a memória artificial. Dessa forma, as memórias dos assentados é a peça-chave para o desenvolvimento deste trabalho, quando relembram saudosamente os dias e acontecimentos ocorridos no acampamento.

O acampamento é um dos instrumentos utilizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na luta pelo acesso à terra. O MST é um dos mais importantes movimentos sociais do país, tendo como foco principal o

atendimento as reivindicações dos trabalhadores rurais, principalmente a luta pela reforma agrária. Sabendo que no Brasil existe historicamente uma tremenda desigualdade quanto ao acesso à terra, havendo uma grande desproporção entre a abundância de bens e terras possuídos por alguns e a escassez de recursos e de terra para outros, ou seja, o que resulta numa tremenda desigualdade entre classes sociais. A concentração fundiária que estruturou o país, desde o período colonial, segue sendo uma realidade nos tempos atuais. O combate a concentração fundiária é realizado por meio de várias formas de luta utilizada pelo movimento, que são: as ocupações das terras que não cumprem sua função social, os acampamentos, as marchas, as greves de fome, os pedágios etc. Deste modo, as ocupações de terras é a forma de luta mais importante do movimento, ou seja, é através desse instrumento que são denunciadas a existência de terras improdutivas.

O assentamento Tiradentes fica situado a 4 km da cidade de Marí, no estado da Paraíba, ficando cerca de 5 a 10 minutos de distância da cidade. O assentamento comportava, inicialmente, 160 famílias, registradas no Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA), contudo, atualmente já passa de mil o número de famílias assentadas. Antes de se tornar o assentamento Tiradentes, a antiga Fazenda Gendiroba já comportava algumas famílias, que trabalhavam para o dono da fazenda, Doutor João Úrsulo Ribeiro Coutinho Filho. O assentamento Tiradentes leva esse nome por conta de um caso que ocorreu durante a ocupação: um líder do movimento foi se deslocar, usando uma motocicleta, entre um acampamento e outro, no meio do caminho duas pessoas estenderam uma corda quando de sua passagem pela estrada, causando um acidente. O líder da ocupação perdeu os dentes da frente, por isso o nome assentamento Tiradentes.

Esse artigo tem como principais objetivos abordar e discutir desde o processo de desapropriação da Fazenda Gendiroba, a ocupação da propriedade, com a montagem do acampamento, até a desapropriação legal das terras e a constituição do Assentamento Tiradentes no ano de 1999, no município de Marí, por meio de entrevistas feitas com os participantes do movimento. Analisar, ainda, o processo jurídico e legal que possibilitou a desapropriação da Fazenda Gendiroba, no ano de 1999, e como se deu a validação do processo de ocupação da fazenda. Compreender os preconceitos que envolvem os assentados e que ainda permanecem enraizados na atualidade, e conseqüentemente em relação ao Movimento dos Trabalhadores

Rurais Sem Terra (MST). Perceber o processo de ocupação do Assentamento Tiradentes, por meio de diferentes perspectivas e pontos de vista distintos. Utilizando-se da metodologia da história oral, utilizando entrevistas semiestruturadas como técnica de pesquisa, usando como fonte secundária materiais bibliográficos, tratando os resultados de forma qualitativa. Será abordado no primeiro item como era a fazenda Gendiroba, como ocorreu a sua desapropriação e como os moradores contribuíram para o processo de ocupação. No segundo item irei discorrer sobre o processo de ocupação e sobre os preconceitos vividos pelos acampados e por fim, no terceiro item irei mostrar como está o assentamento Tiradentes na atualidade e os projetos que fazem parte da vida dos moradores.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Como a fazenda se constituiu?

No período em que se constituiu, a fazenda Gendiroba não era uma grande fazenda, apenas um pedaço de terra em meio a várias outras propriedades que rodeavam as posses de pequenos e grandes proprietários. Quase todas as propriedades eram herdadas ao longo de gerações ou compradas por terceiros. Gendiroba pertencia a família Ribeiro Coutinho, que com o passar do tempo foi comprando as fazendas vizinhas e tomando à força outras propriedades que cercavam sua propriedade. O então proprietário da Gendiroba, Dr. João Úrsulo Ribeiro Coutinho Filho, mais conhecido como Urso, começou a expulsar os posseiros que moravam e trabalhavam na fazenda no ano de 1966. Logo após, em 1970 a fazenda foi transferida para o Dr. Renato Ribeiro Coutinho, um dos onze irmãos de João Úrsulo, que ainda tinha interesse na propriedade. Os outros viviam em outros lugares, por isso não participavam ativamente dos negócios, que se dedicava à produção da cana-de-açúcar. Mais adiante no ano de 1997, ele veio a expulsar os posseiros que ainda restavam, entretanto não teve muito sucesso no seu plano de vender a fazenda.

A cana-de-açúcar produzida na fazenda Gendiroba era levada até a fazenda vizinha, a Nossa Senhora de Lourdes, para ser transformada em açúcar e cachaça. Além da cana, os posseiros plantavam arroz, algodão, feijão e milho. Segundo seu Zé Didi, morador da fazenda:

... a agricultura da gente naquele tempo era algodão, milho, feijão. Plantava arroz naquele tempo. Naquele tempo a gente plantava, colhia e pisava no pilão, vocês acho que nunca nem viram um pilão. Algodão era bom, era uma agricultura boa o algodão. (Nascimento, José Manuel. Entrevista concedida em 16 de julho de 2022.)

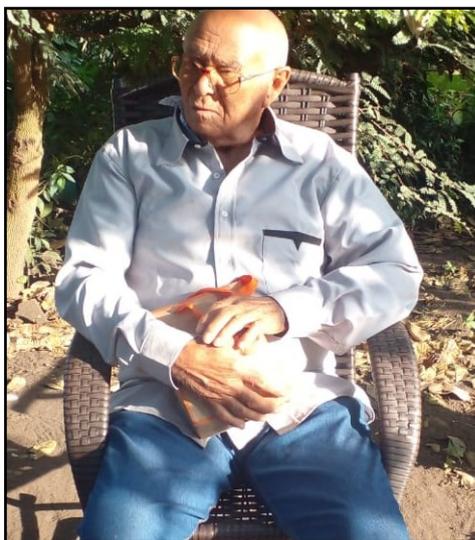
Ainda segundo seu Zé Didi, o fazendeiro não observava os direitos dos trabalhadores. Eles não tinham direito a nada, o salário não era pago e eram maltratados. A casa dos posseiros passava de uma geração para a outra, cada um ocupava um pequeno terreno onde moravam e podiam plantar e criar alguns animais, contudo, não era os melhores solos para alguns tipos de plantações, pois os melhores terrenos para plantio eram do fazendeiro, deixando os posseiros apenas plantar em

uma ladeira rochosa sendo, portanto, de difícil plantio e cultivo dos produtos para o próprio consumo.

Os trabalhadores passavam por um processo exaustivo de trabalho, longas jornadas que começavam ao amanhecer e terminavam ao anoitecer, não existindo um horário predeterminado de trabalho. Além de trabalharem para suprir o próprio consumo e existência também tinham que pagar o chamado foro pelas terras onde trabalhavam. O foro era pago com a realização de trabalho gratuito para o fazendeiro. Geralmente eles trabalhavam um dia por semana para o fazendeiro, logo depois, no ano de 1978 passou a ser dois dias, e por último, no mesmo ano depois de seis meses passou a ser três dias de diária para o fazendeiro, sem o devido pagamento. Quando recebiam não era pago o dinheiro combinado, por isso muitas pessoas foram embora da fazenda com desgosto de trabalhar sem receber, como explica seu Zé Didi.

A gente trabalhava, vendia o algodão na fazenda, pagava o preço que queria e descontava, nem sei quanto era de foro que pai pagava, eu sei que depois que faliu deixou de plantar algodão e passamos a pagar um dia de diária. E eles começaram a trabalhar, criar boi. A gente começou a pagar um dia de diária, aí começou o aperto e o desgosto do povo. Aí começaram a aumentar o serviço para dois dias de graça o povo foi correndo, aí saiu muita gente.

Figura 01 - José Manoel do Nascimento (Assentamento Tiradentes)



Fonte: Autoria própria, 2022.

Desse modo, muitas famílias passavam fome por conta dessas diárias excessivas, do não pagamento aos posseiros de seus dias de trabalho. Além disso, muitas pessoas saíram da fazenda para buscar uma vida melhor e muitas delas não

receberam o seu dinheiro e os que receberam não receberam tudo. As pessoas que ainda ficaram trabalhavam no campo para o fazendeiro e para seus filhos. A situação começou a melhorar um pouco no ano de 1999 pois, começaram a trabalhar em lugares melhores na chan (é onde o terreno é plano- modo de falar dos assentados), foi então que se deu a ocupação da fazenda Gendiroba pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no dia 11 de setembro de 1999.

2.1.1 Sobre a desapropriação da fazenda

A desapropriação da fazenda Gendiroba se deu por conta das dívidas de impostos que os proprietários acumularam ao longo do tempo. Como explica seu Zé Didi, foi por conta da ambição dos donos que a fazenda faliu e, também, por sua improdutividade. Segundo o processo nº: 0806887-29.2016.4.05.0000 – um Agravo de Instrumento, despachado pelo juiz federal titular, a fazenda estava sendo desapropriada por inadimplência e o não cumprimento da sentença acarretaria multa de cem reais por dia durante vinte dias. Segundo a Constituição Federal, em seus artigos 184 a 186 e a Lei Federal n 8.629/1993, que regulamenta os dispositivos relativos à reforma agrária e também a lei complementar n 76/1993, que estabelece o procedimento do contraditório especial no âmbito de processo judicial de desapropriação de imóvel rural para fins de reforma agrária, são passíveis de desapropriação os imóveis rurais com irregularidades perante o fisco municipal, estadual e/ou federal.

No caso da fazenda Gendiroba ocorreu a desapropriação sancionatória, ou seja, quando a proprietário não dá uma finalidade útil ao bem, desse modo, quando não há o cumprimento da função social da terra. Sendo a ocupação dessas terras por quem queira torná-las produtivas legal perante a lei.

Segundo Paulo Sérgio, um dos líderes do movimento, a desapropriação de terras pode se dar em caso de nelas haver plantações ilegais, ou seja, o cultivo de plantas consideradas drogas ilícitas, de áreas rurais improdutivas, que não cumprem suas funções sociais e áreas ocupadas ancestralmente por quilombolas e comunidades indígenas.



Fonte: Autoria própria, 2022.

Segundo os posseiros, por conta das dívidas feitas e pela improdutividade da fazenda, agravada com a falência da usina, ocorreu a desapropriação. O proprietário ainda tentou vender a fazenda para se livrar dela juntamente com suas dívidas. Entretanto, a existência de moradores na fazenda obstaculizava qualquer transação, pois, todos os candidatos a comprador exigiam a saída dos mesmos, sem a qual não poderiam efetivar a compra. A exigência de que os moradores permanecessem nas terras após elas serem negociadas dificultou o processo de venda.

Contudo, os posseiros que residiam na fazenda Gendiroba havia gerações, não se deixaram amedrontar e resistiram à sua expulsão. Essa é a palavra para definir a atitude dessas pessoas, resistência, foi graças a essa disposição de resistir dos moradores, que a fazenda não foi vendida e eles permaneceram nas casas onde muitos nasceram e criaram seus filhos. Pessoas como seu José Manoel do Nascimento, seu Zé Didi, e muitos outros, que lutaram e resistiram para que seus filhos tivessem onde construir um futuro.

Esse trabalho se apoia nas memórias de resistência desses moradores, é graças a elas que podemos contar essa história. Sem elas nunca saberíamos sobre esse gesto que resultou na permanência dos posseiros na propriedade e a impossibilidade de sua venda, abrindo caminho para a ocupação pelo MST, para que muitas famílias, vindas de outros lugares e de outras ocupações, como a de São Salvador, no município de Sapé, pudessem encontrar ali o pedaço de terra para morar e plantar o que sonhavam. Foi graças a essas pessoas que foi possível tornar Gendiroba o que ela é hoje.

2.2 O processo de ocupação

O processo de ocupação da fazenda Gendiroba ocorreu depois que, durante todo o ano de 1998, os posseiros barraram a venda da propriedade, permanecendo em suas casas. A ocupação ocorreu no dia 11 de setembro de 1999, precisamente às 4:00 horas da manhã. Cerca de 250 famílias chegaram principalmente a pé, em caminhões e bicicletas. As famílias que já residiam na fazenda permaneceram em suas casas, contudo participando das reuniões e assembleias, geralmente feitas embaixo de um pé de juá, próximo ao local onde ficava a concentração dos acampados, que chegaram com a ocupação promovida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, anteriormente chamado de Liga pelos posseiros, agenciando, assim, a memória das Ligas Camponesas, que tiveram muita expressão no brejo paraibano. O acampamento situava-se no antigo galpão da fazenda, situado à 400 m da casa grande, que se tornou a sede do acampamento. Muitos “companheiros”, como se nomeavam entre si, vinham de outras ocupações, seja porque foram despejados ou porque foram deslocados de outros acampamentos. Eles se reuniam no galpão para aguardar o tempo do despejo para retornar aos lugares de onde vieram. Eram realizadas atividades como caçar e pescar visando conseguir alimentos para o consumo dos acampados, além disso, trabalhavam no cultivo da batata-doce, do feijão, do milho, do inhame e da fava, que também visavam abastecer o acampamento. A plantação se fazia em roçados coletivos onde todos plantavam e dividiam igualmente entre si a produção.

Figura 03 - Agricultor construindo barracas no acampamento na fazenda gendiroba, Mari/PB



Fonte: SOARES, 2007

A base que estruturou não só o acampamento Tiradentes como vários outros acampamentos foi o companheirismo. A força vinha do companheirismo, pois, não havia recursos nem benefícios para os acampados, juntos buscavam o mesmo propósito de vida encontrando coletivamente a valentia necessária para a obtenção e realização dos seus sonhos e objetivos, como o vínculo que formaram com os companheiros vindos do acampamento São Salvador, do município de Sapé. Segundo José Roberto (Edinho) “através do movimento, quando precisava de reforço o pessoal ia daqui pra lá para ajudar pois, lá existia muitos conflitos armados violentos onde imperava o medo e as emboscadas”. Os conflitos constantes no acampamento São Salvador fizeram com que fosse estreitados os laços com os companheiros do acampamento Tiradentes.

Figura 04 - Galpão em ruínas onde funcionou a Escola Tiradentes no período inicial do acampamento. Mari/PB



Fonte: COSTA, 2010.

A ocupação da fazenda Gendiroba, com a criação do acampamento Tiradentes, foi um processo rápido e sem violência, que durou cerca de um ano. Durante esse período sete ordens de despejo foram emitidas, sendo que na última tentativa foi necessária a vinda de reforços de outros acampamentos, com a reunião de cerca de mais de novecentos companheiros. Mesmo com a utilização de dois ônibus com policiais para conter os acampados em caso de conflito, a tentativa de despejo foi frustrada.

As famílias que passaram a residir no acampamento vinham de diversas localidades. Segundo Jorge Henrique ele teria vindo do município de Areia, no ano 2000. “Rapaz chegamos de manhã, quando foi de noite teve uma assembleia para aceitar a nossa chegada. Mas a gente era trabalhador por isso aceitaram a gente,

caso não aceitasse a gente ia embora”. As regras atinentes a questões éticas e morais dentro do acampamento eram levadas muito a sério, pois da observância delas dependia a reputação de todo um coletivo e de um movimento social, o MST.

Figura 05 - Jorge Henrique (Assentamento Tiradentes)



Fonte: Autoria própria, 2022

Desse modo, havia muitas regras a serem seguidas no acampamento, como: não beber, nem soltar piadas para a mulher dos outros e brigas não eram toleradas. Todos os homens do acampamento deviam se revezar na vigilância, era obrigatório “tirar vigia”, como chamavam. O dia a dia, no acampamento Tiradentes, era calmo e tranquilo, as pessoas iam para o roçado, quem não ia ficava conversando, contudo, de olho na movimentação no acampamento. Existia também os coordenadores, como o da saúde, que em sua barraca possuía plantas medicinais e remédios e o da segurança, além dos dirigentes do acampamento: o presidente, o tesoureiro e o secretário.

Segundo, Tonho Negão, antes da sua chegada no acampamento, ele trabalhava na usina Santa Helena, situada em Sapé. Contudo, a usina onde ele trabalhava entrou em falência e ele ficou sem trabalho como muito de seus colegas. Quando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra deu início a um trabalho de base no bairro onde ele morava, na saída para a cidade de Sobrado, ele se interessou pelo movimento, no dia 03 de setembro. E oito dias depois, quando

retornaram, foi realizada uma reunião com trinta e sete pessoas para irem ocupar uma fazenda, contudo, ele questionou como era o funcionamento do acampamento. Segundo Tonho:

Ele disse, você arruma sua bagagem, sua enxada de trabalho, uma rede e leva para o acampamento. Na outra semana eles vieram fizeram outra reunião disseram no sábado o trem vai passar e levar todo mundo para o acampamento. Agora eles não podiam dizer onde era para não vazarem a conversa por causa dos pistoleiros. Quando entramos no ônibus era três e meia da manhã aí eles disseram: nós vamos para a fazenda Gendiroba.

Figura 07 - Antônio Ermínio e Thalía (Acampamento Orlando Bernardo, Marí-PB)



Fonte: A autoria própria, 2022.

Nessa época no ano de 1999 ocorreram mortes em outros acampamentos, pessoas que eram amigas dos acampados de Gendiroba. Todo esse período durante o ano de 1999 em que não se tinha para onde ir, não se tinha trabalho, e a incerteza se teria comida no outro dia era muito grande. Medos e dificuldades permaneciam por isso, como afirmou seu Tonho, para os acampados era “matar ou morrer”. A certeza de que queriam continuar na terra era tudo o que tinham. A esperança de conquistar uma terra para viver os levavam a apostar tudo nesse acampamento, pois era a única chance de ter uma moradia digna e própria e a certeza de poder trabalhar para o sustento da família.

Quando chegaram no dia 11 de setembro de 1999, durante a noite foi com 111 companheiros, que não tinham nada e depositavam suas últimas esperanças na ocupação. Quando os acampados de Gendiroba avistaram tantas pessoas

começaram a correr com medo de ser agentes do fazendeiro. Eles estavam tirando leite de cerca de 120 vacas, quando perceberam que se tratava de mais companheiros chegando, foi feita a partilha e a distribuição do leite. Foi partilhado o leite com as famílias que chegaram e começou a construção das barracas e do fogão para fazer a comida para as crianças. Enquanto na ocupação da fazenda Gendiroba não houve nenhum conflito armado, em outros acampamentos vizinhos como o Olho D'água e o Frederico, houve muita violência. O acampamento Olho D'Água foi atacado as duas horas da manhã, muitas mães com crianças não dormiam e ficavam vinte quatro horas dentro de buracos por conta do tiroteio.

A notícia sobre a emissão da posse chegou na véspera do Natal em 2000, como um verdadeiro presente. Precisamente as três da tarde chegou no acampamento a Polícia Federal juntamente com carros do Judiciário. Os acampados inicialmente pensaram que morreriam ali mesmo, contudo, veio então a grande notícia: a saída de emissão de posse. Em uma véspera de Natal, da qual muitos sequer lembravam, muitos sem ter sequer o que comer, a emissão de posse foi a notícia que se transformou em presente inesperado. Foi enorme alegria por terem conseguido o tão esperado momento. Segundo Tonho Negão “os companheiros sem-terra é um grupo que morre e não se entrega”, ou seja, não desiste da luta e segue em frente mesmo com todos os problemas enfrentados no caminho.

Na visão do companheiro Edinho, vindo do acampamento São Salvador, em Sapé, mesmo nos momentos em que receberam ordem de despejo, a resolução de continuarem seguindo firme na luta era um passo à frente para o ganho da terra:

Aí foi bom, no dia que teve o despejo, aí no momento em que tem o despejo se a pessoa conseguir rejeitar o despejo e não sair da terra. Aí era raro se você não ganhar sempre ganhava. Só que raro você também rejeitar porque vinha muita polícia e tinha conflito. Porque a polícia vinha com ordem judicial aí a gente tava aqui em Gendiroba com mais de novecentos homens, mais ou menos essa base. A gente falou que ia rejeitar o despejo e entregamos o papel a eles. Aí eles falaram pessoal vamos pensar melhor porque vai ter problema e pancadaria. Mas só que nesse tempo já tinha emissora de televisão que já tinha sido avisada. Eu sei que eles ficaram ligando para os superiores e foram embora.

Desse modo, o dia em que os companheiros do acampamento tiveram a coragem necessária e o companheirismo para rejeitar o despejo serviu, conseqüentemente, para facilitar o processo de ganho da terra. Momento muito aguardado e esperado por todos do acampamento. Meu pai, Edinho participou

juntamente com meu avô, Mariano, dos acampamentos de São Salvador, em Sapé e Gendiroba, em Marí. Com muita luta dos dois, mas principalmente do meu pai, que vivia os dias se desdobrando entre o acampamento e seu trabalho na feira em Sapé. Foram muitas noites no acampamento vivendo ameaçados por muitos tiros no meio da madrugada, debaixo de chuva e sol, com o estômago seco ou cheio, passando por momentos difíceis para garantir o futuro da família. Depois de muito esforço ele conquistou o seu tão sonhado sítio onde passa o seu tempo criando os seus bichos e trabalhando com sua solda, trabalhando por 19 anos como soldador e bombeiro hidráulico, de 2001 a 2021.

Figura 08 - José Roberto, “Edinho” (Assentamento Tiradentes)



Fonte: Autoria Própria, 2022.

As festas de São João eram comemoradas no galpão, onde se fazia fogueira e se tocavam músicas em um pequeno aparelho de som. Se serviam comidas de milho: milho cozinhado, milho assado na fogueira, canjica e pamonha e as pessoas dançavam a quadrilha.

A posse do acampamento ocorreu no dia 27 de dezembro de 2000. Antes mesmo da posse foram chamados alguns companheiros para ajudar na medição e divisão das terras. Depois de feita a divisão ocorreu o sorteio das ruas onde cada um ficaria. No ano seguinte, uma máquina patrola foi contratada para fazer as estradas de rodagem. Ainda em 2001, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) enviou recursos para a construção das casas, que foram construídas ao

longo do ano de 2002 e foram entregues em 2003. Os próprios acampados ajudaram a fazer as casas junto com pedreiros contratados.

2.2.1 O preconceito em relação aos acampados e ao MST

Os preconceitos em torno do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST são tão antigos quanto a própria criação do MST, no ano de 1984. Não se discute sobre esse tema, que por sinal é uma questão muito importante. Muitas pessoas que não conhecem o verdadeiro significado do movimento, não sabem que há sempre um processo legal na justiça antes mesmo da ocupação das fazendas. Muitas pessoas de fora não compreendem a importância desses movimentos e da reforma agrária por isso há muito preconceito enraizado, como achar que os companheiros do MST são ladrões de fazendas, pessoas que roubam o que é dos outros, muitas ofensas e julgamentos que partem da ignorância, do ouvir outras pessoas ao redor, reproduzindo esse ciclo de preconceito enraizado.

Muito desse preconceito se dá por conta da falta de informação das pessoas sobre o movimento. Sobre como o movimento age, sobre o significado da reforma agrária, sobre os trabalhos sociais que o movimento realiza, sobre os instrumentos utilizados, na luta, pelo MST. O MST não só se dedica às ocupações, realmente as ocupações são o principal instrumento de luta. Contudo, há outros tipos de estratégias de reivindicação como: os pedágios, as greves de fome. Segundo Edinho, o preconceito imperava em todos os lugares em que os acampados iam, os xingamentos eram diversos como o de urubu, porque viveriam da desgraça dos outros e passando fome. Em todos os lugares em que chegavam eram destratados e visto com olhares de medo, preconceito e ódio.

Segundo Tonho Negão, que milita em acampamentos há vinte anos, o preconceito vem diminuindo. Em sua primeira ocupação que ocorreu em 1999, as coisas eram mais difíceis, os sem-terra não eram respeitados, eram tratados como bichos, muita gente batia a porta na cara dos acampados. Contudo, com o passar do tempo os assentados começaram a matar a fome dos cidadãos e o preconceito foi se reduzindo embora não tenha acabado. Como dizem as pessoas que moram no assentamento Tiradentes: “se o campo não planta, a cidade não janta”. É com esse enunciado que muitas vezes respondemos quando ouvimos algum tipo de preconceito pois, somos os provedores de alimentos, como macaxeira, batata e inhame, todos

esses alimentos abastecem escolas, hospitais e supermercados de Mari quanto não de outras cidades.

2.3 O Assentamento Tiradentes atualmente

Atualmente o assentamento Tiradentes comporta mais de 400 famílias, sendo, um assentamento modelo. Por conta de sua estrutura muito bem planejada e organizada, contendo uma área de reserva florestal, um açude na mata, que é o maior, e o açude do Barro Vermelho que não é usado para o banho. Além disso, o assentamento também conta com uma escola de ensino infantil e fundamental, um posto de saúde, uma vendinha, uma quadra poliesportiva, a Associação dos acampados, uma lanchonete chamada Semente da Terra, em que vende lanches a base de macaxeira. A sede da cooperativa onde se armazenam os produtos vinculados aos projetos da CONAB. A escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Tiradentes, tem uma grande importância no âmbito educacional, pois, assim como minha caminhada, todos que tiveram acesso a educação nessa escola recebem uma educação diferenciada das escolas que são situadas nas cidades. Todo o ano os alunos são levados a conhecer a história do assentamento: onde os acampados faziam suas barracas, onde foi fundada a primeira escola, onde era feitas as reuniões. A história do lugar onde vivem é, portanto, contada e repassada de boca em boca, para que não seja esquecida.

Figura 09 - Mapa do Assentamento Tiradentes



Fonte: INCRA, 2022

4 CONCLUSÃO

Durante minha jornada como pessoa tive uma convivência não apenas com o Assentamento Tiradentes. Na verdade, meus pais dizem que eu também participei da ocupação do acampamento São Salvador pois minha mãe estava grávida de mim, então eu inconscientemente participei. Cheguei ao acampamento da fazenda Gendiroba com meses de vida. Nasci no dia 26 de agosto de 1999, portanto o Assentamento Tiradentes tem a minha idade, vinte três anos. Vinte três anos depois, eu como uma historiadora quis fazer meu trabalho falando sobre esse tema pois me sinto privilegiada de poder contar essa história, que tanto ouvi de meus avós e de meus pais.

Narrar sobre o que eles passaram para conquistarem a terra em que vivem. Como um dia foram surpreendidos, em plena madrugada, pelos capangas do fazendeiro no acampamento São Salvador. Durante a troca de tiros meu pai e meu avô ficaram abaixados numa espécie de trincheira, recebendo tiros e revidando, pois, nessas situações de vida ou morte, tem que se pensar rápido. Ou quando meu pai ficou frente a frente com um dos mais temidos capangas, sem que nenhum dos dois pudessem dar as costas um para o outro, pois ambos estavam armados. A respiração lhe faltava e o medo corroía seus ossos mesmo assim não demonstrou o medo que sentia e seguiu seu caminho do mesmo jeito que o outro homem sempre encarando o outro.

Não só meu pai passou por medos e incertezas, mas, uma comunidade inteira que deixou suas antigas casas, suas cidades e por meio de um propósito, de um sonho de uma vida melhor, de ter um lugar para chamar de seu, e criar suas famílias. Semeando a esperança e o companheirismo, com a luta dessas pessoas foi conquistada a terra desejada.

Por meio desse artigo quis registrar essa história que hoje já não é tão lembrada como antes. Utilizar essas memórias e construir uma narrativa, que fique na história, guardada, eternizada, para que nenhuma dessas pessoas que lutaram tanto na vida sejam esquecidas. Pois, tudo o que eu tenho hoje e que a maioria desses assentados tem é por conta desses nossos companheiros de batalha. E que fique aqui, não só minha eterna gratidão, mas também meu registro historiográfico em nome da gratidão por todos os que moram no Assentamento Tiradentes, notadamente a meu pai, José

Roberto, e a meu avô, Severino Mariano, que hoje é uma estrelinha no céu, que está brilhando para a minha família.

REFERÊNCIAS

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

PARAÍBA. Tribunal Regional Federal. Processo nº: 0806887-29.2016.4.05.0000. Agravo de instrumento juiz federal titular. Gendiroba agropecuaria Ltda – ME. Relator: Elio Wanderley De Siqueira Filho. Disponível em: <https://www4.trf5.jus.br/data/2017/02/PJE/08068872920164050000_20170215_148058_40500007721125.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.